

# UMA REFLEXÃO ACERCA DOS SABERES DOCENTES E O TRABALHO COM A CONDIÇÃO FEMININA EM CONTOS MOÇAMBICANOS NA SALA DE AULA

Rodrigo Nunes de Souza<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

*Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*

*nunes-rodrigo@hotmail.com*

**Resumo:** a resistência, como meio de apresentar, no texto literário, os dilemas enfrentados e superados por personagens são recorrentes na tradição constística da escritora moçambicana Lília Momplé. Este trabalho destaca como essa temática em torno da resistência associada à condição feminina se aplica nos contos “O baile de Celina” e “O sonho de Alima”, duas narrativas que fazem parte da pequena (porém, significativa) obra da autora. Focaremos como a figura da mulher é de suma importância para o trabalho de desconstrução de certas associações que comumente direcionam às mulheres africanas de língua portuguesa. A discussão inicia-se com uma explicação sobre a aplicabilidade da Lei 10.639/03, no contexto de ensino, bem como os saberes necessários ao professor para a condução do debate envolvendo o trabalho com o conto moçambicano na sala de aula. Fundamentando-se no conceito de **Saberes Docentes** formulado por Maurice Tardif, apresentar-se-á uma reflexão em torno das situações coloniais e pós-coloniais em que as personagens Celina e Alima passam nas respectivas narrativas que protagonizam. Utilizar-se-á, também, da **Memória**, cujo embasamento recorreremos à Maria Fernanda Afonso, crítica literária que discorre sobre o papel e a importância da memória para produções de Moçambique, como recuso de construção e entendimento da condição social de ambas as personagens, contribuindo, assim, com as reflexões que serão apresentadas. Ressalta-se o espaço dado à produção de Lília Momplé e da literatura moçambicana no ambiente escolar, enfatizando a pouca visibilidade que produções de autoria feminina possuem na sala de aula e nas formações dos alunos e do professor.

**Palavras-chave:** Saberes Docentes, Memória, Conto moçambicano.

## 1- INTRODUÇÃO

O trabalho com a produção literária africana, na sala de aula, ainda está aquém do esperado. Mesmo com todas as políticas que envolvem os saberes docentes e, conseqüentemente, as orientações

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem & Ensino, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Bolsista do Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

necessárias para o trabalho do professor com a tradição africana, este artigo visa destacar o pouco espaço que as produções literárias africanas possuem na sala de aula.

Dando destaque à produção moçambicana, através das obras *Ninguém matou Suhura* e *Os olhos da cobra verde*, de Lília Momplé, propõe-se um trabalho em torno da condição feminina e os aspectos necessários aos professores para acrescentarem à sua experiência. Além disso, embasamos esse estudo nas ideias apresentadas por Tardif (2007), que destaca os saberes necessários para a formação docente, dando ênfase à formação e aos problemas que esta faz surgir seja na formação inicial e/ou continuada.

Verifica-se, contudo, que, mais restritamente, quando esse ensino é direcionado a produções de cunho africano ou afro-brasileiro, a literatura ainda está aquém do esperado. Muitas vezes não abordada na formação inicial de muitos professores, o ensino da cultura e da tradição afro levanta a questões que giram em torno da representação do negro ao longo da construção identitária do Brasil. Quando se direciona, por sua vez, essas questões para produções de autoria feminina, percebe-se que a situação é ainda mais frágil. Partiremos, portanto, do seguinte questionamento: como a mulher africana é representada nos contos de Lília Momplé?

Com poucos nomes presentes em livros didáticos ou em antologias trabalhadas e distribuídas em escolas, a presença de autoras negras na escola ainda é muito pouco. Vários fatores contribuem para isso, mas, desde que o ensino de literatura se tornou centro de pesquisas, existe a preocupação em se destacar a produção africana e afro-brasileira na sala.

Assim, há razões para que muitos professores não adotem obras de tradição afro e com isso

Explicita-se a necessidade de um ensino de literatura que leve em conta não a historiografia, mas, sim, a relação diacrônica e sincrônica entre autores, obras e contexto social e político. A leitura de literatura brasileira, portuguesa e de língua portuguesa (angolana, moçambicana, cabo-verdiana) é considerada fator preponderante para que, durante a análise e discussão dos textos, os alunos ampliem a compreensão do fenômeno literário e da cultura de um povo. Concomitantemente, indica-se o estudo de temas e formas com o intuito de criar condições para que haja um conhecimento crítico da literatura e da sua história. (VIEIRA, 2008, p. 444-445.)

Este artigo visa destacar como alunos<sup>2</sup> recebem textos de autoria moçambicana por Lília Momplé e desconstruir, através de contos, os estereótipos que, geralmente, são associados às mulheres negras e evidenciar as outras faces sociais que estas mulheres conseguiram ao longo da história. Para isso, trabalharemos com contos das obras *Ninguém matou Suhura*, e *Os olhos da Cobra Verde*, da refira escritora moçambicana.

## 2- OS SABERES NECESSÁRIOS PARA O TRABALHO COM A LITERATURA AFRICANA NA ESCOLA

A escola continua sendo um lugar de construção de saberes e confirmação de identidades, busca-se que o professor seja uma espécie de ponte, a fim de que se forme os seus alunos, por inteiro, como sujeitos pensantes. A Literatura, com seu caráter subjetivo e reflexivo, contribui para esses indivíduos formem suas concepções a respeito do trabalho com as diferenças.

Para que a Lei 10.696/2003 seja realmente efetivada, além do professor, é necessário que toda a escola contribua para que as diretrizes sejam realmente efetivadas. Tardif (2007) destaca que todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação. Contudo, para que se isso se efetive, faz-se necessário que outros profissionais levem em consideração o trabalho com a cultura e a história africanas. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações ético-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica, destaca-se a importância dessa efetivação da Lei:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (MEC, 2013, p. 501)

A formação dos professores para que estereótipos sejam desconstruídos faz com que lembremos do conceito de **saberes**. Segundo Tardif, “trata-se de um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (2007, p. 36). Assim, para que o professor e a escola possam, de fato,

---

<sup>2</sup> A proposta volta-se para alunos de Ensino Médio, já que, em muitos livros didáticos, produções de países africanos de língua portuguesa ganham mais evidência, dedicando-se, inclusive, capítulos específicos sobre o assunto.

abarcando os saberes necessários, é imprescindível que os objetos do saber constituam fontes de saberes profissionais, visto que essa prática se incorporará à prática do professor. Para isso, é necessário que esses objetos e a prática docente se estabeleçam, concretamente, por meio da formação inicial e, caso seja, contínua do professor.

O professor que busca se atualizar para que se concretize a efetivação da Lei 10.696/03, fará uso dos saberes curriculares. Esses saberes agem sob a forma de programas escolares que levam o professor a aprender e, conseqüentemente, a aplicá-lo.

Os discursos, objetivos, conteúdos e métodos provenientes dos saberes curriculares devem levar a escola a “categorizar e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados” (TARDIF, 2007, p. 38). Com a prática, o professor desenvolverá suas experiências e, por isso, incorporará essas experiências às suas individualidades e à coletividade, fazendo surgir, assim, os saberes experienciais.

Aplicando esses saberes à sua prática, o professor fará a devida e esperada efetivação da Lei no ambiente de ensino. Para a pesquisadora Patrícia Pinheiro Menegon, a relação entre os saberes e o trabalho com a Literatura africana se interligam, promovendo a mudança necessária para a construção do sendo crítico-reflexivo do aluno. Destaca, também, que

A partir dessa significativa mudança, o campo da Educação Básica passou a viver um processo de revisão acerca das concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e da seleção de métodos pedagógicos mediadores e assertivos no que diz respeito à aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A exemplo disso, nos últimos anos, vimos destacar-se no meio acadêmico novas pesquisas e discussões acerca do alinhamento do trabalho didático-pedagógico no desenvolvimento da aprendizagem de crianças nos primeiros nove anos de escolarização. O grande objetivo não é outro senão prover formas de garantir a continuidade no processo ensino-aprendizagem sem antecipação ou supressão de conteúdos programáticos que deverão ser assegurados nas séries finais e no ensino médio. (MENEGON, 2015, p. 21)

### **2.3- LÍLIA MOMPLÉ E O CONTO MOÇAMBICANO: A MULHER ANTES E APÓS A INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE**

Com apenas três obras publicadas, mas carregadas de representações que mimetizam a condição da mulher moçambicana, as narrativas de Lília Momplé apresentam os critérios estabelecidos nesta pesquisa para se trabalhar os estereótipos que são associados às mulheres negras.

Com textos marcados pela condição feminina em Moçambique, as coletâneas de contos *Ninguém matou Suhura* (1988) e *Os olhos da Cobra Verde* (1997) trazem personagens femininas dentro de um contexto de dependência e, mais especificamente na segunda obra, mulheres que fogem destas representações, as narrativas que serão abordadas, em sala de aula, servirão como elemento necessário para a percepção da condição feminina nas narrativas de Lília Momplé.

Em seus textos ficcionais, Lília Momplé reproduz a situação da mulher moçambicana e, ao dar voz àquelas que foram vítimas do sistema colonialista, como ocorre nos contos de *Ninguém matou Suhura*, a autora dissecas as angústias pelas quais essas personagens passam, trazendo, para o centro da narrativa, “tanto a história como a situação política da sua pátria são tão dramáticas que podem construir a inspiração para a criação literária” (DÍAZ-SMIDIT, 2014, p. 181).

É notável que a autora se utiliza da memória e das próprias tradições de seu povo para criar os contos de compõem a sua curta, porém significativa obra. A memória assume um papel de extrema importância nas narrativas, porque esse recurso é fundamental para que entendamos a representação da mulher em Moçambique. Desta forma, destaca-se que

O papel da memória na construção de uma identidade nacional está no âmago da literatura moçambicana contemporânea. Ela interroga-se sobre as diferentes versões dos episódios da história do país, tentando interpretar as desordens do tempo presentes à luz do passado. (AFONSO, 2004, p. 21)

Essas diferentes versões dos episódios da história de Moçambique, nos textos da autora, condicionam as mulheres às injustiças do sistema colonial português, deixando claro o cenário de pobreza, de fome, de miséria e exploração. Assim, tem-se o gênero conto como um dos principais meios de atender às urgências de revelar, aos leitores, “a estória, tipo de enunciado perfeitamente adaptado às realidades instáveis e contraditórias do país” (AFONSO, 2004, p. 35). É através do conto que Lília Momplé nos apresentará suas personagens pertencentes ao sistema de repressão imposta na Moçambique pré-colonial. Sua obra de estreia, *Ninguém matou Suhura*, de 1988, detém-se a esse fator, contendo personagens que estão reclusas a um sistema de dominação, fazendo com que enxerguemos a carga real de seus enredos, pois “estes contos são baseados em factos verídicos, embora os locais e as datas nem sempre correspondam a realidade” (MOMPLÉ, 2009, p. 104).

O fato de ter convivido com seus familiares, como sua avó, também serviu como base para a criação de seus contos, logo, transformando a tradição oral, muito presente na própria construção

literária da África, como um dos principais meios de influência para criação de suas narrativas. A própria autora nos relewa que

Sobre o que escrevo e para quem escrevo? Escrevo o que se passa à minha volta, sobre o que me impressiona profundamente, sobre a vida. Tenho, contudo, a tendência de me inspirar, principalmente, em factos verídicos ocorridos em Moçambique, o que aliás me parece natural.

Ao escrever não tenho em mente qualquer tipo específico de leitor. Também não sou daqueles que escrevem apenas para si próprios. Quero sempre partilhar a carga emocional que só a escrita me alivia e o eventual prazer estético que ela me proporciona com alguém seja o que for. Espero apenas que o leitor capte a mensagem que eu desejo transmitir e, se possível, a enriqueça com os seus próprios pontos de vista e vivências, o que tem acontecido com frequência. (MOMPLÉ apud AFONSO, 2004, p. 494)

Portanto, percebe-se que, em sua primeira obra, a autora dará espaço a mulheres que, além do sistema imposto pelo colonialismo português, sofrem, em concomitância, com as agruras de uma sociedade marcada pela subalternização da mulher. Estes pontos serão levantados por meio do conto O baile de Celina, cuja personagem principal sofre com a dominação colonial e masculina, levando-a ao silenciamento, à imposição e aos mais diferentes fatores que leva essa personagem a uma condição de inferioridade, mesmo que, para isso, uma delas seja silenciada.

Celina traça um painel de verossimilhança com a situação histórico-social da mulher em Moçambique. Em sua obra de estreia, Lília Momplé resolve apresentar as mais diferentes atrocidades pelas quais as mulheres passam, retratando-as dentro de um viés cuja opressão é nítida. Ao não economizar em cenas descritas com violência, percebe-se que a autora destaca

As guerras miúdas de grupos organizados e pessoas preconceituosas e ressentidas motivam a escrita de Lília Momplé, que, atenta aos efeitos da colonização e das guerras, transmuta em ficção cenas de guerras menores embora não menos violentas e, sobretudo, injustificáveis. Faces de uma guerra que ainda não conheceu trégua e longe está da disposição definitiva de armas. (DUARTE, 2010, p. 366)

Em 1997, Lília Momplé volta ao gênero conto com a coletânea *Os olhos da Cobra Verde*. Agora, focando em uma Moçambique Pós-Independência, mesmo que ainda contextualize as situações no período de outrora, a autora nos apresentará personagens femininas que fogem dos

estereótipos de subalternização, transgredindo-as para um outro patamar: mulheres que não se deixam encaixar nos comportamentos impostos pela sociedade. Dessa coletânea, observaremos como a personagem Alima escapa das situações ora discutidas: ao fugir da condição que normalmente se esperava de uma mulher moçambicana, a personagem, agora, “percorre complicados caminhos procurando construir suas novas identidades” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 199).

Essas “novas” mulheres, na narrativa de Momplé, tentam reorganizar a vida diante as injustiças que se encontram na sociedade moçambicana. Duarte (2010) enfatiza que *Os olhos da Cobra Verde* apresentará um lado diferente: agora, além de uma sociedade marcada por duas grandes guerras (Colonial e Civil), as personagens da autora lutam contra uma “terceira” guerra – as mentes dos moçambicanos domadas pelas ideologias de seus antigos colonizadores. A autora ainda destaca que

Essa luta não tem dado trégua e vem patrocinando a reprodução de hábitos e comportamentos combatidos durante o período da colonização. Não foram, em absoluto, a expulsão do português, a retomada das referências próprias, o retorno às denominações antigas ou mesmo a euforia da liberdade, razões suficientes para expurgar do país o ranço do dominador. As práticas atentatórias à liberdade e o desrespeito pela tradição local deixou uma crosta dura de remover, cedendo apenas após o esforço árduo e contínuo que nem sempre os próprios heróis da independência estão dispostos a empregar. (DUARTE, 2010, 367).

Esse esforço árduo, ao qual se refere a autora, reflete nas novas personagens construídas por Lília Momplé. Agora, veremos que as narrativas terão um tom de esperança, destacando personagens que não se subjugam aos dilemas que lhes aparece à medida que a vida vai passando. Apesar das temáticas ainda continuarem se referindo à colonização e ao pós-guerra, os contos dessa segunda coletânea de contos são “menos cruas e observa-se um laivo de esperança” (DUARTE, 2010, p. 368).

#### **2.4- LÍLIA MOMPLÉ & O CONTO MOÇAMBICANO: A CONDIÇÃO FEMININA NAS AULAS DE LITERATURA**

Um tema recorrente nos debates sociais, a condição feminina é representada nas obras da moçambicana Lília Momplé. Em suas coletâneas de contos, cujos momentos históricos de Moçambique ganham destaque, a situação da mulher é traçada com veemência pela autora, fazendo com que se conheça a situação das moçambicanas, já que os “contos são baseados em factos (sic)

verídicos, embora os locais e as datas nem sempre correspondam à realidade” (MOMPLÉ, 2009, p. 104).

Para que o professor construa e perceba as condições verídicas que englobam a situação da mulher moçambicana, é necessário a construção dos saberes que tangem à história e a situação na qual se encontra a feminilidade deste país lusófono da África. Fazendo uso dos conhecimentos disciplinares, o professor, ao adentrar no universo literário de Lília Momplé, reconhecerá o caráter histórico dos contos da autora. Perceberá que

A escrita de Lília Momplé (n. 1935) está profundamente enraizada na realidade social, política e histórica de Moçambique. A escritora admitiu, em várias ocasiões, que tanto a história como a situação política da sua pátria são tão dramáticas que podem construir a inspiração para a criação literária. (DÍAZ-SZMITD, 2014, p. 181)

Sendo assim, a situação da mulher-negra-moçambicana pode ser encarada como o debate necessário para que se desconstrua os estereótipos voltados à situação da mulher em Moçambique.

Para isso, o professor terá, em suas aulas de Literatura, duas narrativas que apresentam situações divergentes sobre o que se propõe: “O baile de Celina”, presente na obra *Ninguém matou Suhura*, de 1988, e “O sonho de Alima”, da obra *Os olhos da cobra verde*, de 1997. Ambos os contos versam sobre a mesma problemática: a questão da mulher na sociedade moçambicana.

A partir desta problemática, o professor conduzirá um debate em torno da questão social que levou, antes e após a independência do país, ao lugar da mulher na sociedade. Em “O baile de Celina”, a personagem principal, prestes a se formar, é impedida de participar do baile de formatura, pois, ao lado de um indiano, formavam as duas únicas pessoas “de cor” da turma, sendo isso considerado “motivo de vergonha” para o Reitor. O modo como Celina e o seu colega recebem a notícia é dado de maneira direta e verídica:

– Quero avisar-vos que não podem ir ao baile de finalistas – prossegue calmamente o reitor, pousando nos jovens o seu olhar ausente de míope.

Celina não pode acreditar no que está a ouvir. As fontes latejam-lhe e uma náusea incontrolável amortece-lhe os sentidos. Dificilmente consegue permanecer de pé, a ouvir a voz do reitor que lhe soa tão suave, tão longínqua...

– Sem dúvida que vocês compreendem – continua ele – Há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor Governador-Geral e pessoas que não

estão habituadas a conviver com gente de cor. E vocês também não haviam de sentir-se à vontade no meio delas! (MOMPLÉ, 2009, p. 54)

Com essa narrativa, o professor pode desenvolver e moldar um debate em torno, além da situação da mulher moçambicana no quis respeito à sua formação escolar, de outros temas urgentes e necessários: o racismo, a opressão e o silenciamento da mulher que, ainda hoje, é muito recorrente na nossa sociedade.

Em “O baile de Celina”, a autora traz para o conto “o sofrimento físico e psíquico experimentado pelos negros moçambicanos na era colonial denunciando opressões das quais foram vítimas” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 182). Assim, ao trabalhar com o conto na sala de aula, o professor priorizará uma narrativa curta, que se organiza em torno de um acontecimento-mor, com uma particularidade única, com um número reduzido de personagens. O que facilitará o debate e o reconhecimento, por parte do público-alvo, os temas que podem ser levantados a partir da narrativa de Momplé.

Ressalta-se que o trabalho com o conto moçambicano é um caminho muito plausível para o trabalho com produções literárias na sala de aula. Maria Fernanda Afonso destacará que o trabalho com o conto moçambicano é um vaso de culturas, um múltiplo símbolo de tradições, englobando

Por um lado, esta apetência febril pelo conto, esta riqueza excessiva que faz da narrativa curta um gênero rebelde, refractário a todas as definições e da toda servidão canônica, exemplifica a criação plurívoca, a fragmentação episódica e comunicativa, características da modernidade; por outro, a transgressão deliberada de modelos estereotipados, a violação da língua, a mestiçagem de culturas e discursos, decorre necessariamente da sensibilidade e da problemática de espaços caracterizados pela coexistência e negociação de diferentes códigos culturais. (AFONSO, 2004, p. 60)

Com os debates, o **Horizonte de Expectativas** dos alunos será posto à prova. O drama de Celina, por mais que não pertença à nossa realidade, fará com que os alunos associem as situações da personagem aos dramas de muitas mulheres-negras do Brasil. Por meio do **Método Recepional**, o professor pode conduzir o debate, fazendo com os alunos exponham suas impressões e conhecimentos acerca dos estereótipos conhecidos por eles e associas às mulheres-negras brasileiras. Como o foco da proposta é o conto moçambicano, aproveita-se destes conhecimentos prévios para ampliar seus Horizontes. Para isso, se faz importante a leitura do conto “O sonho de Alima”.

O Método Receptional pode ser um meio de fazer com que o professor se utilize dos seus saberes profissionais e curriculares a fim de perceber as visões acerca da condição feminina nas aulas de Literatura. Partindo das ideias formuladas pelo alemão Hans Robert Jauss, a **Estética da Recepção** é um caminho para se perceber e ampliar, como citado acima, o *Horizonte de Expectativas* dos alunos. Ao recepcionar e propor outras visões acerca do tema, o professor pode

no ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que se os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí pode-se tomar relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura. [...] Portanto, a valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, eles produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é perene enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83-84)

Para mostrar o outro lado da condição feminina moçambicana na escola, a leitura do segundo conto é imprescindível para que o aluno enxergue outra representação da mulher-negra. Alima, ao contrário de Celina, não se submete às opressões que a sociedade lhe impõe e decide realizar seu sonho, sem que, para isso, fique à mercê, sem marido e sem o apoio da família. Inicialmente presa a modelos pré-concebidos às mulheres, Alima vai, ao longo da narrativa, quebrando e libertando desses modelos:

Ao receber o seu [diploma], Alima sente o coração bater de tal modo que se surpreende por ainda o conservar no peito. Para ela, não é apenas um modesto certificado da 4ª classe que segura com ambas as mãos, mas o testemunho do seu grande esforço para levantar o véu que encerra um mundo de infinitos horizontes, com o qual sempre sonhos, desde criança. (MOMPLÉ, 1997, p. 45)

Ao contrário de Celina, que foi impedida de concretizar seu sonho, Alima enfrentou todas as barreiras para a realização daquilo que sempre almejou: estudar. Observa-se, contudo, que a Lília Momplé nos apresenta uma protagonista, na pós-colonial Moçambique, que “percorre complicados caminhos procurando construir as suas novas identidades” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 199).

Essa outra face da mulher, cuja realização se dá através de seu próprio protagonismo, engrossará o debate da condição feminina da mulher moçambicana. Levará ao professor a apresentar

o outro meio pelo qual a mulher, já na atual sociedade moçambicana, apresenta-se: dona de si, que se liberta de estereótipos, com o intuito de remodelar sua condição na sociedade.

Um debate que, além de ampliar o **Horizonte de Expecativas** dos alunos, fará com que eles conheçam, por meio dos saberes disciplinares (já possuídos e/ou adquiridos por meio de experiências), outras realidades. Estas podem se aproximar da nossa realidade ou tornar-se uma nova fonte de conhecimentos e outras visões acerca da situação da mulher(-negra).

### 3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, na escola, ainda se faz mister o debate e aplicabilidade da Lei 10.696/03. Muitos professores, apesar de já terem uma certa noção da importância dessa Lei, ainda estão aquém do esperado e/ou não possuem a formação adequada para o trabalho com a cultura e a história africana no espaço escolar. Faz-se imprescindível, portanto, que os seus saberes sejam (re)colocados em prática, buscando profissionalizar-se, inserir, em seus currículos, temas e propostas que abarquem o que solicita a Lei, contribuindo, assim, para as suas experiências e para os saberes disciplinares. Propõe-se um trabalho com a condição feminina, pois esta temática é relevante para a desconstrução de muitos estigmas que ainda são direcionados às mulheres-negras, especialmente as africanas. Evidencia-se, então, a produção literária de Lília Momplé, autora moçambicana, que destaca tanto o lado opressor quanto transgressor da mulher-negra de Moçambique, levando os alunos a enxergarem os dois lados dessas mulheres.

### 4- REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.
- ALÓS, Anselmo Pers. (2013). Os olhos da Cobra Verde: Lília Momplé revisita o passado colonialista de Moçambique. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, 5(10), pp.89-100.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método Recepcional. In: **A Formação do Leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 81-102.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações ético-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Ministério da educação, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CRUZ, Bernadete Angelina; BERNADETE, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. Contexto Contemporâneo: cultura, educação e políticas voltadas aos docentes. In: **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: Unesco, 2011. Cap. 2. p. 23-30.

DÍAZ-SZMIDT, Renata. As imagens do feminino na obra de Lília Momplé. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas Literaturas africanas em Língua Portuguesa**. Lisboa: Clepul, 2014. p. 181-199.

DUARTE, Zuleide. Lília Momplé: estórias de uma história contada com lágrimas. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 19, n. 30, p. 01-18, out. 2010.

MOMPLÉ, Lília. O baile de Celina. In: **Ninguém matou Suhura**. Moçambique: Edição da Autora, 2009. p. 40-55.

MOMPLÉ, Lília. O sonho de Alima. In: **Os olhos da cobra verde**. Moçambique: Diname, 1997. p. 38-45.

MONEGON, Patrícia Pinheiro. **A África está em nós: contos africanos de Angola e Moçambique em Língua Portuguesa para o ensino de base intercultural**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SILVA, Maria Natalha Morais da; COUTINHO, Douglas Wagner Brasil Maia; SARAIVA, Sueli. Literatura moçambicana e experiência de docência em escolas de ensino médio em Redenção. In: **II SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNILAB:**

**PRÁTICAS LOCAIS, SABERES GLOBAIS**, 2., 2010, Lisboa. **Artigo Científico**. Lisboa: Unilab, 2010. p. 01 - 04.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEIRA, ALICE. (2008). Formação de Leitores de Literatura na escola brasileira: caminhos e labirintos. **Cadernos de Pesquisa**, 38(134), pp.441-458.